

Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinópticos, Aula 9, O Problema Sinóptico

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Continuamos nosso curso em Evangelhos Sinópticos. Vimos seis tópicos até agora: Jesus histórico, formação judaica, introdução à exegese e ao gênero narrativo, autoria e data dos evangelhos, parábolas, o gênero parábola, os evangelhos como obras literárias, e chegamos agora ao tópico sete, que é o problema sinóptico. Então, vamos dar uma olhada nisso.

Bem, qual é o problema sinóptico? Bem, sinóptico significa olhar em conjunto. Os três primeiros evangelhos são muito semelhantes entre si, como se olhassem para a vida de Jesus aproximadamente da mesma perspectiva, especialmente quando comparados com o evangelho de João. No entanto, eles também têm uma série de diferenças intrigantes.

O problema, como geralmente é levantado, é qual é a relação entre os três primeiros evangelhos que explicará o que os torna tão semelhantes e, ainda assim, significativamente diferentes? Esperamos que os relatos relativos a eventos históricos sejam semelhantes, mas as histórias de Jesus são incomuns. Em mais de três anos de ministério envolvendo muitos discursos longos, apenas algumas horas de discursos foram registradas, enquanto centenas foram curadas, e vemos que em vários versículos resumidos, apenas algumas curas são registradas individualmente. Os mesmos são geralmente mencionados nos vários evangelhos.

Aqueles que rejeitam a inspiração das Escrituras, a inspiração dos evangelhos, dizem que as semelhanças se devem à cópia e as diferenças se devem a alterações feitas intencionalmente ou porque os autores não se conheciam. Bem, o que queremos observar em primeiro lugar são os fenômenos do problema, e depois faremos um pouco sobre a história do problema, e depois apresentaremos algumas soluções sugeridas e depois sugeriremos aquela que pensamos funciona melhor. Primeiro, começamos com acordos e desacordos verbais como encontrados nos evangelhos, e o que tenho aqui basicamente em minhas anotações é a Parábola do Semeador em grego com Mateus em uma coluna e depois Marcos e depois Lucas, então você pode ver as semelhanças e diferenças.

Não tenho certeza se queremos passar por tudo isso. Tem pouco mais de página e meia, mas por exemplo, a parábola começa, eis que saiu um semeador a semear ou algo assim, e Mateus e Marcos se despedem, eis que no início, mas Lucas não. Não. Todos os três têm exatamente o mesmo verbo, a mesma pessoa, o mesmo tempo verbal e tudo mais.

Todos eles chamam o semeador , o semeador , embora o ti provavelmente exista o que consideramos um uso genérico do artigo definido, e então para tratar de semear, de espalhar sementes, Mateus faz isso com um artigo definido na frente de seu infinitivo, e ele usou um infinitivo presente. Marcos não tem artigo definido; ele usa um infinitivo aoristo, e Lucas usa um infinitivo aoristo como Marcos, mas um artigo definido como Mateus, ok? E Lucas acrescenta para semear sua semente, então uma pequena frase de três palavras em grego. Todos eles então conectam a próxima cláusula com um chi, e Mark tem um acréscimo, e isso aconteceu, enquanto os outros simplesmente continuam, e enquanto ele estava semeando, na chuva é o que os três usam naquele ponto , e um deles acrescenta enquanto semeava, e aí começamos a pegar os diferentes casos aqui.

Mateus, um pouco disso, rapaz, vou ter que chegar perto para ler o grego aqui. Algumas delas caíram ao lado da estrada, e Mateus fez com que uma delas caísse à beira da estrada, seria o caminho que funcionaria também, e Luke fez com que uma delas caísse ao lado do caminho, então vamos ver através os casos que Mateus usa plural para cada caso, então alguma semente, ok? Marcos e Lucas usam uma espécie de representante: uma semente caiu aqui, uma semente caiu ali, etc., e assim por diante. Bem, acho que provavelmente não será terrivelmente, o que deveríamos dizer, edificante examinar o resto disso, mas em vez disso, darei a vocês apenas um breve resumo que Henry Alford, em seu Testamento Grego, dá deste tipo. de fenômeno.

Ele diz que os fenômenos apresentados serão os seguintes: primeiro, talvez teremos três, cinco ou mais palavras idênticas, depois tantas totalmente distintas, depois duas orações ou mais expressas nas mesmas palavras, mas em ordem diferente, depois uma oração contida em um ou dois, e não no terceiro evangelho, então várias palavras idênticas, depois uma cláusula não apenas totalmente distinta, mas aparentemente inconsistente, e assim por diante, com recorrências das mesmas alternâncias, alterações, coincidências e transposições arbitrárias e anômalas. Então, basicamente, vemos algo que é bastante intrigante quando analisado palavra por palavra.

Podemos tentar converter esta evidência meramente anedótica em números, fornecendo estatísticas sobre a variação verbal dentro dos Evangelhos Sinópticos, apenas nas seções onde se sobrepõem, e observando a frequência de palavras idênticas e diferentes. Concordância para verbos significa que eles têm o mesmo tempo, e não quase a mesma raiz. Philip Schaff, em sua história da igreja, fornece estatísticas para isso, e basicamente fornece os três livros, Mateus, Marcos e Lucas, e depois uma coluna, o número de palavras únicas, uma porcentagem de palavras únicas e, em seguida, a porcentagem em qual um evangelho concorda com os outros dois, e a porcentagem em que concorda com um dos outros dois, e eles se parecem com isto.

Marcos tem 40% de palavras únicas, Mateus tem 56% de palavras únicas e Lucas tem 67% de palavras únicas. Chegamos a um acordo com os outros dois. Marcos, em 22% de suas palavras, concorda tanto com Mateus quanto com Lucas.

Mateus, em 14% de suas palavras, concorda com Marcos e Lucas, e Lucas, em 12% de suas palavras, concorda com Marcos e Mateus. Então concorda com um dos outros, mas aqui não especifica com qual dos outros dois concorda. Marcos concorda com um deles 38% das vezes, Mateus 30% das vezes e Lucas 21% das vezes.

O que você pode ver claramente é que Mark é mais parecido com os outros do que os outros. Então essa é basicamente a imagem que você tem aí. Se você pensar sobre a ordem dos eventos, a ordem dos eventos nos Evangelhos Sinópticos é basicamente a mesma que pode ser observada ao pegar uma Harmonia do Evangelho como a de Robertson e apenas passar por ela e ver que praticamente o tempo todo, cada evangelho tem seções sucessivas na Harmonia.

No entanto, existem algumas diferenças. Por exemplo, a cura da sogra de Pedro, seção 43 em Robertson, está em Mateus 8, Marcos 1 e Lucas 4. A cura de um leproso, que está duas unidades abaixo, é um pouco anterior em Mateus, mas é mais tarde em Marcos e Lucas. Então, a questão seria: bem, qual deles Jesus realmente fez primeiro? E parte da resposta é que não temos máquinas do tempo.

Ok, então temos os dados aqui. Marcos e Lucas têm uma ordem, mas Mateus tem a inversa. Presumivelmente, um ou outro não está em ordem cronológica.

Bem, as narrativas não precisam estar em ordem cronológica. Você pode usar a ordem tópica. As narrativas regularmente seguem alguma de sua ordem cronológica principal e, se você quiser, elas divergirão para captar um novo personagem que está surgindo e podem fornecer um pouco de conhecimento sobre o personagem.

Então ele entra na narrativa. Quando um personagem sai da narrativa, ele pode dizer algo sobre o que ele fez. Então, o demoníaco, sobre o qual veremos algo quando fizermos essa passagem.

Depois que ele é apresentado pela primeira vez na narrativa, eles contam um pouco sobre como ele ficou assim. Não muito, mas apenas a história de que as pessoas desistiram de tentar contê-lo. Quando ele é dispensado no final da narrativa, diz-se que ele foi até Decápolis e contou às pessoas o que o Senhor havia feito por ele.

Então isso é bastante comum. Dentro da narrativa de um determinado incidente, às vezes veremos diferenças. Assim, as tentações de Jesus no deserto, Mateus e Lucas variam, dependendo de qual é a segunda e qual é a terceira das tentações, se preferir.

Na Ceia do Senhor, o cálice foi dado primeiro em Lucas? Há um problema textual aí, no entanto. E então pode ser que estejamos olhando para mais de uma xícara, e quem conhece pelo menos o atual Seder de Páscoa sabe que, na verdade, há quatro xícaras na cerimônia. Então, qual destes Jesus usou como o cálice que aparece na Ceia do Senhor e depois? Não sei.

Alguns dos problemas que surgem ao tentar discernir algo sobre a ordem dos acontecimentos nos Evangelhos Sinóticos são se existem variantes textuais, o que muitas vezes existem, qual é o texto correto. E então, quando você tem dois eventos semelhantes, se quiser, eles estão realmente descrevendo o mesmo evento ou estão descrevendo dois eventos diferentes que foram semelhantes? Por exemplo, um que já mencionamos, mas sobre o qual não falamos muito mais, é o Sermão da Montanha em Mateus cinco a sete, o mesmo que o Sermão da Planície em Lucas. Bem, uma montanha não é a mesma coisa que uma planície, mas esses nomes são meio que inventados, e alguns sugeriram que Jesus desceu do topo da montanha para um lugar plano, em algum lugar na encosta, e foi lá que ele deu seu testemunho. sermão, etc.

Então, esses dois relatos diferentes são da mesma ocasião ou são sermões semelhantes em ocasiões diferentes? E, novamente, sem uma máquina do tempo, como podemos ter certeza de que caminho seguir com isso? Seus intérpretes mais radicais dizem que as duas purificações dos templos são o mesmo evento, mas um dos Evangelhos errou sobre onde colocá-lo, e você ouve esse tipo de coisa com muita frequência em comentários mais liberais. Acordos na ordem dos acontecimentos em que Mateus e Lucas concordam contra Marcos são muito, muito raros em comparação com outras combinações, e isto tem sido usado para defender certas soluções para o problema sinótico. Uma terceira coisa a considerar é a sobreposição e a singularidade do conteúdo entre os três Evangelhos, e isso é feito mais facilmente pelo que os matemáticos chamam de diagrama de Venn, onde você tem dois ou três ou quatro ou cinco círculos, e para este, temos três círculos, um círculo que representa Mateus, um círculo que representa Marcos, um círculo que representa Lucas e você o configura de tal forma que os círculos têm uma região na qual todos os três se sobrepõem, três pequenas pétalas em forma de flor. como uma espécie de coisas em que dois se sobrepõem e depois uma espécie de três coisas em forma de lua em que cada círculo não se sobrepõe, nenhum dos outros.

E se você olhar para isso, você pode colocar números nisso, e foi isso que eu fiz usando o estudo de Tyson sobre o cristianismo primitivo como um gráfico desse tipo, e então na seção externa, aqui estão coisas que estão apenas em Mateus, coisas isso é só em Marcos, coisas que só estão em Lucas e Tyson faz isso por versículos, o que não é totalmente satisfatório porque as divisões de versículos, quem fez as diversas divisões depois nem sempre corresponde exatamente mas ele diz basicamente, Lucas tem a maior singularidade . Ele tem 500 versículos que não ocorrem em

nenhum dos outros Evangelhos. Mateus tem 280, e Marcos tem 50, e então se sobrepõem, a sobreposição completa, todos os três juntos, há cerca de 480 versículos disso, e então Mateus e Marcos se sobrepõem em cerca de 120 além desses 480.

Mateus e Lucas se sobrepõem em cerca de 170, e Marcos se sobrepõem em cerca de 20. Então, essa é uma maneira de ver isso. Alan Barr, em um trabalho chamado *A Diagram of Synoptic Relationships*, faz isso com cores e, em vez de um diagrama de Venn, apenas faz uma longa faixa em que você tem vermelho, amarelo e azul, acho que é, para mostrar o diferente, onde os diferentes Evangelhos aparecem e permite que você veja onde há grupos disso e onde está espalhado e coisas desse tipo.

No início da igreja, um padre da igreja chamado Amônio criou seções, se preferir, e dividiu cada um dos Evangelhos em seções. Não sabemos quão cedo isso foi; isso foi antes de Eusébio e Eusébio usarem isso para tentar esboçar para nós quais Evangelhos se sobrepunham, onde os Evangelhos se sobrepunham aos materiais. Então, ele pegou essas seções que Amônio havia feito, olhou para as seções de Mateus e disse, para esta seção em particular, isso se sobrepõe a Marcos ou Lucas? Ele fez isso em quatro Evangelhos, e João também.

Ele então colocou aqueles com o mesmo tipo de sobreposição em títulos de uma lista. Então, ele elaborou o que é chamado de cânones eusébios, a lista eusébia. A lista um listou todas as seções nas quais todos os quatro Evangelhos se sobrepunham.

E então os cânones dois, três e quatro, ou listas dois, três e quatro, listam o lugar onde os três sinópticos se sobrepuseram, o lugar onde Mateus, Lucas e João se sobrepuseram e onde Marcos, Lucas e João se sobrepuseram. Depois, cinco, seis, sete, oito e nove listaram as sobreposições de dois em dois. Então, a última lista, lista 10A, é todas as coisas que estão apenas em Mateus, 10B é todas as coisas que estão apenas em Marcos, 10C está apenas em Lucas e 10D está apenas em João.

Bem, quando você olha para essas listas, ele tem o número de entradas em cada uma delas. Por exemplo, existem cerca de 74 entradas nas quais todos os quatro Evangelhos se sobrepõem. Ou seja, cada um deles tem cerca de 74 seções que se sobrepõem.

A segunda lista é o que chamamos de sinópticos e tem 111 sobreposições. Os outros são por três: Mateus, Lucas e João têm 22 sobreposições, e Mateus, Marcos e João têm 25.

E a quarta possibilidade não tem nenhuma. E assim, não recebe uma lista. E isso seria Marcos, Lucas e João.

Então, seria zero se você fizesse uma lista para isso. Então, o mesmo acontece com os pares. Mateus, Lucas é a maior lista, 82.

Depois Mateus, Marcos, 47. Mas Marcos, João, muito pequenos. Lucas, Marcos, 13.

Lucas, João, 21. E então Marcos, João está faltando. Então, se eu tentar resumir isso, fica assim.

Vamos ver como eu fiz isso. Ok, olhando para os fenômenos de sobreposição de exclusividade nessas listas, duas combinações possíveis não aparecem na lista. Mateus, Lucas e João, como mencionei.

Um conjunto de dois, Marcos e João, também não ocorre. Os cânones dois, três e quatro, nos quais a sobreposição é exatamente de três evangelhos. Você pode ver de onde vem o nome sinóptico.

É aquele que tem tudo isso, e as sobreposições com John, por outro lado, são muito menores. E então, quando você olha para aqueles que ocorrem exatamente em dois evangelhos, Mateus, Lucas domina, e Mateus, Marcos é o segundo. A coisa de Mateus e Lucas seria o que os escritores mais tarde chamariam de Q. Coisas que estão em Mateus e Lucas, mas não em Marcos.

Resumo da sobreposição. Quase todo Marcos é encontrado em Mateus ou Lucas. Mateus e Lucas têm muito em comum, mas Marcos não.

Portanto, o material Q, e este chamado material Q, é principalmente material discursivo. Apenas uma narrativa, a tentação de Jesus, aparece nisso. E então Mateus e Lucas têm, cada um, uma boa quantidade de material exclusivo para cada um, enquanto Marcos tem pouco disso.

Então isso é uma espécie de esboço rápido dos fenômenos. Você tem essas variações verbais peculiares, que, se você imaginar que é uma cópia, então alguém estava fazendo algumas edições consideráveis na cópia. E então você tem a questão da ordem, e as ordens geralmente são as mesmas, mas de vez em quando, você tem algo invertido, algo desse tipo.

E então temos essas coisas que estão incluídas, deixadas de fora, para que você possa ver onde estão as ideias na teoria dos dois documentos que você vai examinar, de onde vem a ideia de Q, se quiser. Bem, vamos esboçar aqui a história do problema sinóptico. Parte do problema foi reconhecido assim que o segundo evangelho começou a circular, talvez já na década de 60.

Quando você tem um evangelho por aí, as pessoas podem discutir sobre ele, os oponentes podem não gostar dele, etc. Mas uma vez que você tenha dois, então as

peças começam a fazer comparações, e aqueles que são oponentes podem então começar a usar um evangelho contra o outro para atacar o Cristianismo. E isso, de fato, é o que o sujeito pagão chamado Celso, CELSIUS, faz em sua obra, O Verdadeiro Relato.

Ok, isso soa como uma das coisas que você vê na Páscoa a cada poucos anos, ou alguém está tentando desmascarar os evangelhos. Os ataques heréticos contra o Cristianismo nessa linha específica, colocando um evangelho contra outro, motivaram os cristãos a tentar resolver o problema sinóptico. E aqui vamos tentar esboçar algumas tentativas disso.

O mais antigo que conhecemos é o Diatessaron de Taciano, que talvez tenha sido elaborado por volta de 170 DC. O procedimento de Taciano é preparar o que chamamos de harmonia tecida. Isto é, ele pega os quatro evangelhos e faz uma narrativa basicamente sem nenhuma repetição.

Então, ele seleciona material de qualquer um dos quatro evangelhos e o entrelaça da maneira que ele pensa que acontece. Então, ele pega todos os relatos e os edita em uma única narrativa. A segunda coisa que conhecemos são os Cânones de Eusébio.

Assim, desde algum tempo antes de 340, Eusébio usou as divisões de Amônio, mas fez as listas que observamos acima. Essas tabelas indexam contas paralelas. E nos manuscritos de muitos dos seus primeiros evangelhos, você tem uma pequena anotação no lado esquerdo que indica o número da seção para esse item específico.

As seções são mais longas que os versículos e mais curtas que os capítulos, o que indica o número. E então um número que indica em que Cânon de Eusébio ele está. Se você souber o que seus cânones representam, poderá ver imediatamente que há dois paralelos com isso.

E então você pode encontrar a lista de Eusébio, que, aliás, está publicada na capa do Novo Testamento Grego da Nestlé. Você pode então encontrar os outros dois paralelos e procurá-los. Então é basicamente assim que funcionam os Cânones de Eusébio.

A primeira discussão do tamanho de um livro que conhecemos sobre o problema sinóptico é a Harmonia dos Evangelistas de Agostinho, escrita por volta de 400 DC. Ele faz a primeira tentativa de percorrer os evangelhos incidente por incidente e sugere como harmonizá-los. Então, ele basicamente começa uma crença primeiro com Mateus e passa por todas as passagens de Mateus onde há paralelos. Ele então discute os paralelos e diferenças e o que sugeriria sobre como harmonizar esse tipo de coisa.

Então ele volta e pega aqueles que não se sobrepõem aos de Mateus e faz a mesma coisa. Agostinho, até onde sabemos, é também o primeiro a sugerir uma teoria sobre como surgiram os evangelhos sinópticos. É uma versão do que mais tarde será chamado de Teoria da Dependência Sucessiva, na qual um evangelho está escrito. Primeiro, o segundo evangelho escrito faz uso disso, e o terceiro evangelho escrito faz uso dos dois anteriores, basicamente a ideia.

Na teoria de Agostinho, Mateus é escrito primeiro, e depois Marcos, quando é escrito, faz uso dele. E Lucas, quando está escrito, faz uso de ambos. Então, é a Teoria da Dependência Sucessiva de Matthew-Mark-Luke.

Bem, pouco depois da época de Agostinho, um desastre militar e econômico atingiu o Império Romano. A alfabetização caiu drasticamente. Alguns estimaram que poderia ter chegado a 80% antes do desastre e tão baixo quanto 5% depois, durante um período de aproximadamente 200 anos, 300 a 500 DC.

Bem, este tipo de estudo, o problema sinóptico, não foi realmente retomado até o período da Reforma Renascentista. Então, temos o Diatessaron de Taciano, os Cânones Cepheus, a Harmonia de Agostinho, e agora chegamos às harmonias da Reforma. Com a retomada dos estudos bíblicos acadêmicos na Renascença e na Reforma, as tentativas de harmonizar os evangelhos foram retomadas, e o tipo de trabalho que Agostinho havia feito séculos antes foi repensado.

O problema era como tomar uma decisão quando tratar dois eventos semelhantes como o mesmo evento ou dois eventos diferentes, e você tinha algumas soluções bastante divergentes. Comparado com o que os biólogos fazem ao descobrir as espécies, você tinha aglomerados e divisores, certo? Havia pessoas que tendiam a juntar qualquer coisa que parecesse bastante semelhante e outras pessoas que, se houvesse alguma diferença entre elas, eram separadas. Bem, continuaremos com teorias mais recentes.

Estes surgiram por volta de 1780 e chegaram até o presente, e o mais antigo deles é o chamado modelo do evangelho primitivo ou Ur-Evangelium. Ur-Evangelium é apenas latim; é apenas alemão para o evangelho original, ok? Isto foi proposto de forma independente por Lessing na década de 1780 e Eichhorn um pouco mais tarde. Basicamente, a ideia é que havia um evangelho original, o Ur-Evangelho, o evangelho original, e geralmente parecia ter sido aramaico, e então Mateus, Marcos e Lucas extraíram material dele e o traduziram para o grego.

Assim, as semelhanças entre os Sinópticos se devem ao fato de todos os três usarem este Ur-Evangelho como fonte, e as diferenças surgem quando eles editam ou traduzem o evangelho, aquele evangelho original de forma diferente, a teoria Ur-Evangelium, a teoria primitiva do evangelho. Depois temos a teoria da dependência sucessiva, que foi proposta um século antes por Agostinho, e agora é revivida por

Hugo Grócio, e na sua forma mais geral, você tem o único evangelho, e então o segundo evangelho faz uso dele, e o terceiro evangelho faz uso do segundo e do primeiro. Esses tipos de modelos eram muito populares no século XIX e, curiosamente, todas as ordens possíveis foram sugeridas naquela época; tanto Thyssen quanto Alfred, em suas discussões, não é um grande problema, esboce isso e apresente proponentes para cada uma dessas variedades.

Ainda é usado hoje por alguns, e a teoria agostiniana da dependência sucessiva é aquela que mencionamos anteriormente, Mateus primeiro, Marcos em segundo e Lucas em terceiro. Outra que tem sido bastante influente é a hipótese de Griesbach, que é Mateus primeiro, Lucas em segundo e Marcos em terceiro. Voltaremos e diremos uma ou duas palavras sobre isso em conexão com o problema sinóptico.

E então a terceira, que talvez seja um pouco menos comum que as outras, é a dependência sucessiva de Marcos; Marcos primeiro, Lucas usou, Mateus usou e depois Lucas usou os dois. Teoria da dependência sucessiva. Outra teoria do século 19 foi a chamada teoria fragmentária proposta por Friedrich Schleiermacher. Sua sugestão é que havia muitos fragmentos escritos, tipicamente anedotas escritas, flutuando na igreja primitiva e que Mateus, Marcos e Lucas fizeram coleções deles de forma independente e os reuniram em seus evangelhos.

Então, para um diagrama, você tem muitos pequenos fragmentos aqui com setas indo para Mateus, Marcos e Lucas na parte inferior. Uma ideia um tanto semelhante vem de Westcott e Alfred, que são relativamente conservadores em comparação com muitos desses caras, e eles basicamente tinham uma teoria da tradição oral, isto é, que as fontes orais estão por trás dos três evangelhos, e eles fizeram uso independente do tradições orais e as escreveu. Então, você teria aqui uma nuvem de tradição em vez desses pequenos fragmentos escritos que vão até Mateus, Marcos e Lucas na parte inferior.

Eles estão basicamente dizendo que a base comum dos sinópticos é inteiramente oral. Os apóstolos que estavam presentes quando os eventos ocorreram unificaram as tradições orais em narrativas escritas contínuas, e as próprias tradições podem ter vindo diretamente dos apóstolos. Portanto, essa tem sido uma versão bastante conservadora, pelo menos nesse modo particular de afirmá-la.

Aquela que se tornou dominante até o presente é a chamada teoria dos dois documentos. Foi proposta por Eichorn, Bernard Weiss e HJ Holtzman no século XIX e é, digamos, a teoria dominante hoje. A ideia aqui é que Marcos foi uma das duas fontes de Mateus e Lucas, e a outra fonte foi uma fonte escrita que recebeu o nome Q nas teorias.

Na verdade, há algum debate hoje sobre a origem do nome Q. A ideia mais comum é que venha da fonte alemã Quella, mas que aparentemente não foi verificada por

nenhuma prova forte, tão interessante que esse tipo de informação pode se perder. Isso rapidamente.

Q e Marcos, ou às vezes em alguns modelos, um Urmarkus , uma marca original, são vistos como as fontes, e Mateus e Lucas tiveram acesso a ambas as fontes, mas não se conheciam. Então, Mateus usa Q e Marcos, e Lucas usa Q e Marcos. O esquema é hipotético porque não houve nenhum manuscrito Q sobrevivente.

Q também às vezes é chamado de Logia. Esse era o termo favorito de AT Robertson para isso, com base na suposição de que era disso que Papias estava falando quando falou da Logia, que cada um traduziu como pôde. Outro nome comumente usado é fonte de ditado. Como sugerimos um pouco antes, a sobreposição de Mateus e Lucas que não inclui o material de Marcos parece ser em grande parte palavras de Jesus, em vez de narrativas, de modo que o termo que diz fonte às vezes é usado.

Como há algum material em Marcos que é exclusivo de Marcos e não de Mateus e Lucas, alguns proponentes disseram que Mateus e Lucas usaram um proto-Marcos, ou um Ur-Markus, uma marca original, que mais tarde foi editada no moderno Marcos. . Bem, adicionamos mais algumas teorias aqui. Para este, um desenvolvimento da teoria dos dois documentos chamada teoria dos quatro documentos foi proposto por BH Streeter, no início do século 20, basicamente dizendo, bem, existem, na verdade, mais dois documentos que foram usados como fontes.

Além de Marcos e Q aqui em cima, Mateus tinha sua própria fonte escrita, que Streeter chamou de M, e Lucas tinha sua própria fonte escrita, que Streeter chamou de L, e então você tem quatro documentos fonte, mas cada um de Mateus e Lucas, cada um deles usaram apenas três deles. Poucas pessoas aceitam esse modelo específico, mas os termos M e L, para o material exclusivo de Mateus e exclusivo de Lucas, foram preservados, e você ainda verá isso aparecer nas discussões do problema sinóptico. Assim, em muitas discussões sobre problemas sinópticos, M, L e Q são usados apenas para representar material com as pessoas específicas que o debatem, não especificando se estas foram fontes escritas ou mesmo fontes, mas apenas uma forma de rotular determinado material.

Falaremos sobre a crítica da forma mais tarde neste curso, mas posso mencioná-la aqui porque a crítica da forma parece uma combinação da teoria da tradição oral de Westcott e Alfred com a teoria dos dois documentos. Então, você teria Marcos e Lucas aqui como os documentos finais, e logo acima deles, com licença, Mateus e Lucas, aqui embaixo, e acima deles, Marcos e Q, mas acima disso, uma grande nuvem de tradição oral . E essa tradição oral eles não obtiveram ou usaram toda ela, e Mateus e Lucas também tiveram acesso à tradição, bem como a essas duas fontes.

E esse é basicamente o modelo com o qual Bolton Lawn e outros críticos de forma tendem a trabalhar. Eles aceitam o modelo de dois documentos, mas também aceitam que havia tradição oral circulando. Bem, aqui está um pouco de discussão dessas várias teorias.

Tomemos, por exemplo, o evangelho original, o evangelho primitivo ou a teoria do evangelium . Tem algumas vantagens. Explica as semelhanças de uma forma natural.

Eles vêm de uma fonte comum. Lessing e Eichhorn propuseram que esta fonte era um evangelho escrito em aramaico e que este evangelho aramaico não era o original. Foi preservado porque poucas pessoas o falavam depois que o aramaico morreu na igreja, ou seja, depois de 100 d.C. , por isso não foi copiado.

Essa tendência é vista na história. Os documentos numa língua estrangeira geralmente não são copiados se a língua não for conhecida, especialmente se já existir uma tradução disponível. O hebraico e o grego, por exemplo, foram perdidos na igreja ocidental durante séculos durante a Idade Média.

Problemas com a teoria Ur-Evangelium. Não temos nenhuma evidência direta ou indireta de tal documento, já que ninguém fala sobre tal documento na antiguidade e tal, e não temos quaisquer fragmentos dele. Se fosse um Mateus aramaico, como alguns propuseram, então a questão seria: por que é tão diferente do Mateus grego? Porque você ainda precisa explicar de onde veio o material de Luke e supostamente surgiu disso.

Por que os escritores usaram esta fonte de maneira tão peculiar? Às vezes, eles citam diretamente; às vezes, eles fazem sentido e mudam de redação e até mudam a ordem ocasionalmente. E há também o problema de que o aramaico, em certo sentido, nunca realmente desapareceu da igreja. Ela gradualmente passou para o que chamamos de siríaca, e ainda hoje existe uma igreja síria.

Então, isso funcionaria melhor, suponho, se fosse um hebreu, que morreu na igreja primitiva. Mas isso apenas sugere várias complicações. Como explicamos o material que é único em cada evangelho, especialmente se ele apresenta discrepâncias aparentes, se há apenas uma fonte? E se os evangelhos são condensações dele, por que Marcos extraiu apenas o mesmo material de Mateus e Lucas? Esse tipo de complicação chega.

Portanto, a teoria Or Evangelium explica muito bem as semelhanças, mas não explica muito bem as diferenças. Teoria da dependência sucessiva, vantagens, bem, ela afirma que temos todos os documentos originais, então não há necessidade de levantar hipóteses de perda de documentos. Ou proto-evangelhos ou algo desse tipo.

Problemas: quem pegou emprestado de quem? Diferentes estudiosos conseguiram defender cada uma das três ordens, e parte da razão para isso é que os escritores condensam e, de fato, esse era um fenômeno muito comum na antiguidade de fazer versões condensadas de obras mais longas. porque o papiro era caro, o pergaminho era mais caro, os escribas eram trabalhadores qualificados, então era preciso pagar muito dinheiro para que alguém copiasse alguma coisa. Assim, várias condensações de várias histórias e coisas eram frequentemente feitas na antiguidade. E, claro, às vezes as pessoas expandem alguma coisa.

Assim, algo mais curto pode ser uma condensação, mas algo mais longo pode ser uma expansão. Portanto, não sabemos se os autores expandiram as narrativas originais ou as condensaram. Como surgiram as diferenças verbais? Por que os escritores se sentiram livres para fazer alterações em suas fontes se conheciam apenas os evangelhos inspirados que tinham diante de si? De onde vem o material dos evangelhos posteriores que não está nos evangelhos anteriores, especialmente quando parece inconsistente em alguns aspectos? O comentário de Robert Gundry sobre Mateus tem uma visão um tanto semelhante.

Argumenta que Mateus tinha Marcos e Q e que Mateus modificou a história do Pastor, que aparentemente estava então em Q, na história do Wiseman usando um estilo midrash. Isso parece uma grande pressão sobre a inspiração, parece-me. Bem, isso é um sucesso das teorias da dependência.

Teoria fragmentária, fragmentos escritos. Bem, vantagens, Lucas 1.1 nos diz que havia muito material escrito disponível. Muitos tentaram elaborar contas, etc.

É claro que estes precisam ser fragmentários. Eles poderiam ter pretendido elaborar um relato tão completo quanto possível. Schleiermacher percebeu que os evangelhos parecem uma série de anedotas, e há apenas alguns exemplos de conexões entre essas anedotas.

Por exemplo, Jesus está realizando vários eventos, um após o outro, no mesmo dia, mas em geral você não tem esse tipo de conexão. E, aparentemente, havia uma variedade de fontes. Vemos Lucas mudar de um estilo semítico em Lucas 1:2 para um estilo helenístico em Lucas 1:2. No resto do seu evangelho, isso implica que ele tinha uma fonte diferente para Lucas 1:2, que sugerimos ser talvez de Maria.

Os problemas Schleiermacher e Bultmann, depois dele, minimizam a confiabilidade dos fragmentos a tal ponto que não podemos saber sua ordem ou historicidade. Esta visão tem os mesmos problemas que a crítica da forma, que discutiremos mais tarde. Provavelmente há algum mérito em uma visão de tipo fragmentário, ou seja, existem múltiplas fontes, mas acho que precisa de algum reparo.

A teoria da tradição oral, as vantagens e os eventos da vida de Jesus são apresentados oralmente no início do ministério dos apóstolos. Nas igrejas evangélicas, a conotação de tradição é negativa, implicando muitas gerações de transferência, mas essa conotação não é necessária na palavra grega correspondente, significa apenas algo entregue. E assim uma tradição pode vir diretamente de um apóstolo, se você quiser, em vez de daqui a seis gerações ou algo assim.

Os termos usados para tradição no Novo Testamento são *paradidomi*, entregar, e *paradosis*, materiais entregues. Eles aparecem no Novo Testamento e podem ser traduzidos da tradição, mas não têm a sensação de uma história longa e nebulosa, sem fonte conhecida. O sentido grego refere-se ao que um professor entrega a um aluno para que ele guarde cuidadosamente e evite erros.

Da mesma forma, nas escolas rabínicas, um bom aluno era, como diz um deles, como uma cisterna rebocada, que não perdia uma gota do material nela armazenado. Se a transferência rabínica remonta de forma confiável a Moisés, como afirmavam os rabinos, 2.000 anos e 30 ou 40 transferências é uma coisa. Se a tradição do Novo Testamento é confiável dentro de uma geração, 30 gerações ou menos, é outra questão.

Problemas com o modelo de tradição oral. Esta visão possível, se não insistirmos que as únicas fontes do Novo Testamento eram orais, a taquigrafia existia naquela época, e não a taquigrafia moderna, e era usada para registrar processos judiciais e coisas assim. Seguidores instruídos poderiam ter feito anotações, escrito diários, coisas desse tipo.

Então, parece-me que uma combinação de fontes escritas e orais fará mais sentido. Trataremos os modelos de dois e quatro documentos juntos. Suas vantagens são basicamente as mesmas.

Mateus e Lucas parecem depender de Marcos, pois seguem as ordens de Marcos na maior parte do tempo. Quando Mateus e Lucas não seguem Marcos, nenhum segue o outro. Assim, podemos ver como Lucas e Mateus poderiam ter tido Marcos diante deles, mas não o evangelho um do outro.

Isto é, Mateus não tinha Lucas, ou Lucas não tinha Mateus. Com esta força, podemos ver porque é que esta visão particular é dominante. No entanto, não é a única maneira de explicar os dados.

Griesbach teve uma explicação inversa dos dados e explicou o problema dizendo que Marcos tinha Mateus e Lucas à sua frente, e Marcos seguiu Mateus e Lucas onde eles concordaram, mas onde eles não concordaram, ele seguiu um ou o outro, ok? E você

obtém exatamente o mesmo resultado. Hum. Quase qualquer esquema de empréstimo pode ser argumentado nos dois sentidos.

O simples nem sempre é anterior ao complexo, e é muito difícil dizer qual relato foi o primeiro também em outras literaturas. Problemas das teorias de dois e quatro documentos. Não temos provas dos documentos de base Q, ou pior ainda, dos quatro documentos M e L2.

Nem sequer existem comentários sobre a sua existência, a menos que tomemos Pápias como se referindo a um deles, Q, mas a igreja primitiva os considerou como se referindo a Mateus. E embora possamos levantar a hipótese de que a igreja primitiva não sabia, eles estavam apenas atirando no escuro, e é perfeitamente razoável supor que Papias era apenas uma parte da informação que veio dos apóstolos e à qual outros pais da igreja tiveram acesso. Os outros fios, e assim eles sabiam, de fato, que Papias estava se referindo a Mateus. Existem essas diferenças verbais entre Mateus e Lucas que são peculiares se estiverem copiando de Marcos.

Por que eles mudaram algumas coisas, muitas vezes coisas triviais, e depois usaram outras palavras? Por que Lucas omitiu uma grande parte de Marcos, 6:45 a 8,9? Não há uma racionalização fácil para isso. Se propormos que esta seção está faltando em um Urmarkus, então inventamos outro documento faltante. As teorias de dois e quatro documentos, penso eu, são um problema particular para os evangélicos, e é isso.

Por que o apóstolo Mateus seguiu Marcos tão servilmente como o fez se Marcos é de segunda mão e Mateus foi uma testemunha ocular e ele próprio estava lá? Por que não usar suas próprias anotações em vez das memórias de Peter? O maior problema, porém, é que esta visão, dois e quatro documentos, descarta todo o tradicional, isto é, toda a informação histórica relativa às origens do evangelho. Toda a tradição diz que Mateus foi escrito antes de Marcos, e esta visão inverte a ordem. Bem, é aí que estamos no problema sinóptico.

Vou lhe dar uma proposta de solução. Eu não estava lá. Eu não tenho máquinas do tempo.

Acredito que um dia descobriremos que o Cristianismo é verdadeiro. Descobriremos um dia como tudo funcionou. Mas aqui está a aparência da minha solução proposta.

Tendo examinado as evidências internas e externas, parece que os evangelhos foram escritos pelos autores tradicionais, Mateus, Marcos e Lucas, que provavelmente usaram fontes orais e escritas. Evidências internas, por outro lado, sugerem que Lucas e Mateus seguiram Marcos de alguma forma. Uma aparente contradição com isso é que a evidência externa diz que Mateus foi escrito mais cedo e que Lucas provavelmente também foi escrito antes de Marcos.

Bem, sugiro um modelo no qual a fonte oral de Marcos também é uma fonte primária de Mateus e Lucas, mas Mateus e Lucas foram escritos antes de Marcos. Como trabalhamos isso? Bem, temos o testemunho apostólico oral. Podemos fazer isso como uma espécie de flecha descendo pelo meio.

E Pedro foi um dos principais porta-vozes dos Apóstolos, e os apóstolos se reuniram e organizaram seu material no tempo em que estiveram juntos, depois do ministério de Jesus, se você preferir. Mateus fez uso desse testemunho apostólico oral e escreveu, como creio, um Mateus hebraico. E, claro, ele usou sua própria memória, mas também usou material fornecido pelos outros apóstolos enquanto consideravam essas coisas juntos.

Mais tarde, isso é seguido por um Mateus grego, se o próprio Mateus o traduziu ou não sabemos. Enquanto isso, os apóstolos não estão falando apenas em aramaico ou qualquer outra coisa com os outros judeus em Jerusalém e coisas assim. Eles estão começando a se ramificar para os judeus helenísticos e depois saíram de Israel e irão para outros lugares. Então, o testemunho oral deles também será desenvolvido em grego, e por isso é possível que o grego Mateus tenha feito uso do testemunho oral dos apóstolos na forma grega também.

Enquanto isso, do outro lado desta grande flecha, você tem Lucas, e Lucas está em Israel durante os dois anos em que Paulo está na prisão em Cesaréia, e ele anda por aí, entrevista pessoas, entrevista apóstolos, entrevista pessoas que foram parte dos Setenta, entrevista pessoas que estavam do outro lado do Jordão e da Peréia e viram os milagres de Jesus ali, e ele reúne esse material, e parte disso é o testemunho apostólico dos apóstolos, e reúne seu evangelho. E por último, Marcos em Roma esteve com Pedro enquanto ele estava dando este material, e as pessoas pediram que ele escrevesse o que Pedro tinha a dizer, e ele o fez. E assim, embora ele escreva por último, ele está escrevendo diretamente de um apóstolo, e não de seleções como as outras pessoas fizeram.

Bem, esse é o meu modelo, se você quiser. De certa forma, é mais complicado que os outros, mas, na verdade, não faz nenhuma suposição sobre documentos escritos detalhados, embora, obviamente, alguns dos apóstolos e outras pessoas possam ter escrito notas de um tipo ou de outro. Portanto, faço três perguntas às quais preciso responder ao apresentar este modelo para crítica. A primeira é como as semelhanças devem ser explicadas. Em primeiro lugar, sugerimos que Mateus, Marcos e Lucas utilizem principalmente fontes orais com alguns suplementos escritos.

E então, o que vamos ter? Bem, em primeiro lugar, todos os Sinóticos dependem da vida de Cristo numa série real de eventos na história. Então, parte das semelhanças entre eles vem do fato de não estarem inventando. São coisas que realmente aconteceram.

Parte da semelhança se deve ao fato de esses eventos realmente terem acontecido, mas como explicar a seleção comum de certos eventos de uma arte marcial ou de um todo? Talvez 20 curas espalhadas pelos três evangelhos, onde deve ter havido centenas ou mesmo milhares de curas, etc. Em segundo lugar, tudo depende da pregação oral e do ensino dos apóstolos. Os apóstolos experimentaram todo o ministério público de Jesus.

Eles pregaram e ensinaram juntos por vários anos depois, e mantiveram comunicação até certo ponto depois disso. Sem dúvida, enquanto os apóstolos estavam juntos, eles conversaram sobre quais incidentes no ministério de Jesus melhor capturaram quem ele era, o que ele fez e qual a melhor forma de apresentar esses itens. Professores, à medida que ensinamos repetidamente, temos que pensar: bem, até que ponto tudo correu bem? Eles entenderam isso? Como eu poderia ter explicado melhor isso e coisas desse tipo? E assim, todos os Sinóticos dependem da vida de Cristo, que é uma série real de eventos.

Todos dependiam da pregação oral e do ensino dos apóstolos, onde se reuniam e selecionavam os materiais que funcionariam melhor, se quisesse. Terceiro, a aparente prioridade de Marcos pode ser resultado da influência de Pedro como porta-voz e líder entre os apóstolos durante os primeiros anos em que estiveram juntos em Jerusalém. Assim, Marcos preserva o ensino do apóstolo mais influente, mas não é a fonte escrita de Mateus e Lucas.

A pregação de Pedro, a fonte oral de Marcos, é também a principal fonte oral de Mateus e Lucas devido à influência de Pedro na seleção e formação do material que constitui o testemunho apostólico de Jesus. E presumivelmente, Pedro também foi influenciado pelas decisões tomadas entre os apóstolos sobre quais eram os melhores e tal. Então, você tem isso funcionando nos dois sentidos.

Quarto, a semelhança entre Mateus e Lucas, onde Marcos não está presente, o que chamamos de material de sugestão, pode ser devida ao fato de cada um ter usado materiais de ensino oral de Jesus. Aqueles que estudaram Problemas Sinóticos estão bem cientes de que este material em Mateus nem sempre é colocado no mesmo lugar que este material em Lucas. Mateus organiza esses ditos e discursos em blocos, enquanto Lucas os espalha ao longo de sua narrativa.

Alguns sugerem que Lucas usa Mateus, mas Lucas muitas vezes faz esses discursos em um contexto diferente do de Mateus. Por que Lucas teria mudado o contexto para Mateus? Um dos pontos fortes da hipótese de um documento de pistas é que ele explica essa característica ao ver pistas sem contexto narrativo. Mateus e Lucas selecionaram nossas palavras de forma independente e as colocaram em seus materiais.

Mas isso ainda tem o contexto inventivo do autor nesse tipo de esquema. Parece-me que é melhor dizer que Jesus é um orador itinerante. Ele frequentemente repete os materiais de modo que Lucas e Mateus colocam os itens de maneira diferente porque Mateus relata uma ocasião e Lucas outra, conforme determinado pelas entrevistas de Lucas e se Mateus conhecia todas as que Lucas conhecia e Lucas conhecia todas as que Mateus conhecia, não temos ideia.

Se eu estiver certo, o material narrativo Perean em Lucas indica que Lucas entrevistou pessoas em Perean. Pode ser que Matthew considerasse isso secundário ou nem tivesse conhecimento de certos locais onde essas coisas aconteciam e tal. Os ditos normalmente são relatados apenas uma vez no evangelho. Afinal, os escritos estão tentando evitar, os escritores estão, afinal, tentando evitar a monotonia e estão tentando manter o tamanho do livro baixo.

Então, como a produção de livros era muito cara, minha sugestão aqui é que Mateus tomasse decisões até mesmo sobre onde ele conhecia vários contextos ou algo assim, tomasse decisões e os colocasse em um contexto específico, e Lucas pode ter feito o mesmo também. Bem, a ideia até agora, então, é que os eventos reais na história produzem as semelhanças, a seleção de quais eventos apresentar foi parcialmente feita pelo processo de grupo único entre os apóstolos, e que Jesus é um orador itinerante, então seus materiais orais poderiam foram encontrados em muitos contextos diferentes e em formas ligeiramente diferentes. Sou um itinerante; bem, eu era um pregador itinerante, se você quiser.

Quando eu ensinava no seminário, eu era convidado para pregar em várias igrejas, então eu andava por aí e tinha certos sermões que eu usava repetidas vezes e outros sermões que eu usava uma ou duas vezes e decidi que não. fiz um ótimo trabalho e desisti em vez de tentar polir ou algo assim e ainda assim, certamente, se você tivesse gravações desses diferentes sermões, eles não seriam palavra por palavra. Então, mas eles teriam algumas sobreposições onde eu decidi alguma maneira de contar uma anedota ou algo que fosse repetido de forma bastante próxima. Mencionei mais duas coisas em semelhanças.

Número cinco, os alunos dos rabinos judeus aprendiam mecanicamente os ensinamentos do seu mestre. Talvez isso também tenha sido feito nos círculos cristãos. Na verdade, esse é um fenômeno bastante comum nos círculos educacionais de todo o mundo da memorização.

Está saindo de moda no Ocidente, mas tem sido comum há muitos e muitos séculos. Existem grandes semelhanças nas palavras, particularmente nos ensinamentos de Jesus, como mencionei antes, mas as semelhanças nos Evangelhos são muito mais fortes quando Jesus está falando do que quando os narradores estão narrando. Ok, então as grandes semelhanças sugerem algum tipo de memorização.

Pode ser uma memorização intencional ou o que chamamos de memorização acidental. Eu tentei várias vezes memorizar versículos da Bíblia e nunca fui muito bom nisso porque não tenho uma grande memória verbal, mas depois de ler a Bíblia agora, provavelmente estou chegando a 75 vezes ou algo desse tipo, e isso em um monte de versões diferentes, eu conheço alguns versos, ok? E esse tipo de coisa acontece. Os repórteres de jornais, na época em que os presidentes costumavam ir de trem de cidade em cidade e fazer seus discursos, costumam dizer que poderiam fazer o discurso do candidato presidencial cinco ou seis vezes.

E então isso acontece. Existem alguns paralelos claros entre Jesus e os rabinos. Ambos tinham discípulos, ambos às vezes ensinavam em parábolas, ambos debatiam com adversários, e ambos eram chamados de rabinos, ok? Tanto na cultura grega quanto na judaica, o aprendizado era principalmente pela memorização a partir da recitação oral, e não pela leitura de livros ou pela tomada de notas e coisas assim.

Berger Gerhardsson, em seu livro *Memória e Manuscrito*, nos dá uma discussão detalhada desse tipo de material. Alguns alunos tinham ótimas lembranças e podiam citar professores como se fossem uma enciclopédia. Outros talvez não se lembrem disso tão bem, mas se lembrem muito bem da lógica e da argumentação, suponho que diferentes maneiras pelas quais nossos cérebros foram conectados ao seu crescimento, e também podem ter algum componente genético.

Por último, sob semelhanças, provavelmente foram utilizados alguns documentos ou notas. Lucas 1:1-4 menciona muitos que escreveram relatos, embora Lucas não nos diga se usou ou não algum desses materiais escritos. Os comentários de Papias sobre Marcos com precisão, mas não em ordem, talvez devam ser entendidos como as anotações de Marcos durante os sermões de Pedro, que mais tarde ele organizou no evangelho final, em vez de algo mais, como se Marcos realmente tivesse escrito o evangelho com precisão, mas não em ordem.

Então é assim que as semelhanças devem ser explicadas, eu acho. Como explicar as diferenças? Lembre-se de que os evangelhos às vezes contêm exatamente os mesmos incidentes e palavras agrupados com algumas diferenças marcantes em eventos, ordem e palavras. Bem, vamos ver.

Em primeiro lugar, o ensino de Jesus era, sem dúvida, um tanto repetitivo, mas não exatamente, quando ele falava para diferentes públicos. Isto ajudaria seus discípulos a aprender seus ensinamentos e ainda assim poderia explicar algumas das variações. Algumas das ações de Jesus também foram repetidas.

Muitos milagres, sem dúvida pessoas com o mesmo tipo de doenças, tipos de curas muito semelhantes, os próprios evangelhos normalmente não repetem esse tipo de coisa. Então você geralmente não recebe quatro ou cinco narrações de cura de

leprosos ou algo desse tipo. Existem duas purificações do templo se levarmos o evangelho a sério.

Existem duas capturas milagrosas de peixes. Há duas alimentações das multidões, etc. Assim, algumas das ações de Jesus foram repetidas.

Em terceiro lugar, diferentes testemunhas veem e enfatizam diferentes aspectos do mesmo acontecimento. A maneira mais fácil de verificar isso é ir a uma reunião com seus irmãos, talvez, e discutir coisas que aconteceram. E vocês tinham, você sabe, idades ligeiramente diferentes, então você se lembra de alguns itens diferentes, mas se lembra de alguns itens iguais, mas se lembra de coisas diferentes sobre os mesmos itens.

A mesma coisa acontecerá em uma reunião de faculdade: uma reunião de colégio ou algo parecido. Basicamente, diferentes testemunhas veem e enfatizam diferentes aspectos do mesmo evento.

Em quarto lugar, a repetição oral, mesmo pela mesma pessoa, produz regularmente o tipo de variação verbal aqui observado. Impressionante semelhança com variações aleatórias de tempos verbais e coisas desse tipo. Nossas mentes, eu acho, pelo menos as mentes de algumas pessoas, talvez funcionem verbalmente de tal maneira que você eventualmente esteja essencialmente reproduzindo algum tipo de fita, mas outras não funcionam dessa maneira.

E você pode ter algumas coisas que você fez exatamente da mesma maneira em duas ocasiões e outras coisas nas quais você colocou uma cláusula diferente, ou você fez algo assim e obteve um resultado diferente. A propósito, não há necessidade de postular uma minicadeia interligada no caso de tradições orais rabínicas que supostamente remontam a Moisés. Eles têm que fazer isso porque você tem cerca de 1.500 anos.

Mesmo com Mateus escrevendo na década de 40, você ainda tem cerca de 10 anos de repetição oral entre ele escrevê-lo e tal. E isso pode ser uma repetição oral de Mateus. As semelhanças impressionantes se devem ao fato de os apóstolos estarem juntos.

Variações no tempo verbal e na redação são características naturais das diferenças pessoais e até mesmo da repetição por parte de um indivíduo. Os escritores estão falando e os palestrantes, de qualquer maneira, estão nos contando o que aconteceu. Eles não estão tentando ser idênticos em suas contas.

Quinto, os escritores dos evangelhos aparentemente nem sempre tiveram a intenção de transmitir as próprias palavras de Jesus, muitas das quais provavelmente não foram faladas em grego. Eles nos contam o que Jesus disse, mas uma transcrição

exata seria impraticável devido à sua extensão. Todos os escritores dos evangelhos procuravam comunicar-se amplamente, não apenas com uma elite rica.

Portanto, contrastamos com o volume 20 de Antiquidades de Josefo. Assim, mantiveram os custos baixos selecionando e resumindo eventos e discursos. Os rolos de papiro não eram tão longos e eram bastante caros.

A mensagem do evangelho foi comprimida no estilo de livro médio e na economia da época. Os resumos, é claro, podem omitir detalhes e ainda assim ser precisos. Sexto, presumivelmente, os escritores dos evangelhos não sabiam tudo o que os outros conheciam.

Eles tinham condições curriculares próprias e pesquisas próprias. Algo pode ter acontecido quando um determinado apóstolo não estava por perto, ou ele pode não se lembrar disso. E por último, sob divergências, os evangelistas certamente não usaram tudo o que sabiam.

Lembre-se de João 21:25, mas eles selecionaram, como o próprio João diz um capítulo antes, João 20, 30 e 31 selecionaram seus materiais para manter seus relatos dentro dos limites e para dar a ênfase que pretendiam. Encurtar um relato generalizando e sendo vago torna a história monótona. É melhor manter o diálogo em detalhes concretos, mesmo que isso signifique a seleção de apenas alguns incidentes ou frases-chave de um sermão para manter a vivacidade.

Observe o uso de frases de efeito por apresentadores de TV modernos. Então, como você explica as semelhanças? Como você explica as diferenças? Terceiro, como isso se ajusta à inspiração? Se a Bíblia é realmente a palavra inspirada de Deus, etc., como tudo isso se encaixa com isso? Bem, vamos ver. Em primeiro lugar, a inspiração não requer ditado.

Permite que o estilo do autor transpareça sem perder a veracidade. Deus tem feito ainda melhor do que ditado ocasionalmente. Ok, ele escreveu os mandamentos com o próprio dedo, seja lá o que isso envolva, na pedra, se preferir.

E Deus certamente ditou algumas coisas para alguns dos profetas, etc. Mas a inspiração, isto é, que as escrituras são totalmente confiáveis, pois são ensinadas em muitos lugares, presumivelmente também envolve os narradores que estão selecionando os eventos, e os narradores de Samuel e Reis e Crônicas. mencionar fontes que eles usam e reuni-las, etc. A inspiração não exclui algum ditado, mas a inspiração é consistente com uma linguagem aproximada, como números redondos.

É consistente com o resumo. É consistente com arranjos não cronológicos, um tópico ou algo assim, desde que o autor não aclame a ordem cronológica e depois não o

faça se quiser. É claro que não é consistente com contradição ou erro cronológico explícito.

Um resumo, é claro, pode parecer enganoso se você estiver tentando extrair pontos da história que o autor não está fornecendo. E isso lembra que um crítico, comentarista, resenhista hostil, etc., pode encontrar contradições em algo onde a pessoa não está realmente se contradizendo.

Vemos isso o tempo todo nas campanhas eleitorais. Então essa é apenas uma característica comum. Um escritor pode usar um arranjo lógico em vez de uma ordem cronológica, e ele não tem a obrigação de lhe dizer isso explicitamente.

A inspiração assegura-nos que os relatos são harmoniosos, mas não nos diz como harmonizá-los. Diz-nos que estes são harmonizáveis e que devemos pensar nessa direção, embora isso não signifique que precisamos mover céus e terra para harmonizá-los. Podemos não saber o suficiente para fazer um trabalho adequado.

Normalmente, podemos sugerir duas ou três possibilidades ou até cinco ou dez possibilidades, mas não temos certeza de qual delas está correta. Um exemplo que posso imaginar é a harmonização das três negações de Peter, etc. Conheço um escritor que apresenta seis negações para harmonizar todo o material, e não acho que seja o caminho certo a seguir.

Esse é Harold Lindsay. É Harold Lindsay em um de seus livros. Mas eu não estava lá.

Meu próprio esquema é que, pelo menos na segunda e terceira ocasiões, Peter tem várias pessoas ao seu redor dizendo, sim, e quanto a isso, etc. Então, um narrador escolhe uma pessoa e outro escolhe outra. Por último, a inspiração é a doutrina revelada.

Não nos inspiramos nas Escrituras resolvendo indutivamente todas as dificuldades conhecidas. Deduzimos isso do que a Bíblia ensina. A Bíblia diz que Deus não pode mentir que os escritores foram guiados e que Jesus e os apóstolos e os profetas, etc.

tratar as escrituras como inerrantes. Esse é o tipo de direção que seguimos ao derivar a inerrância do que a Bíblia ensina. Assim, não precisamos ser capazes de responder a todas as perguntas antes de aceitá-las, embora ainda devamos nos esforçar para responder a essas perguntas, a fim de ajudar os outros e de fortalecer a nossa própria confiança em Deus e nas suas palavras.

Os liberais têm aqui uma vantagem, se quiserem chamar-lhe assim, na medida em que podem acumular inconsistências aparentes e depois alegar uma elevada probabilidade de que pelo menos uma delas seja um erro genuíno. Mas a mesma técnica pode ser usada contra a impecabilidade de Cristo ou contra a bondade de

Deus. Se o Cristianismo for verdadeiro, então Deus é bom, Cristo não tem pecado e sua palavra é confiável.

E lembre-se de que qualquer evento isolado é improvável, pois muitas outras coisas podem ter acontecido. Podemos argumentar que as escrituras fornecem evidências positivas de sua fonte sobrenatural, e é isso que eu faria. Eles são suficientemente impressionantes para que sua precisão histórica possa ser testada. E podemos argumentar então que não temos desculpa que subsista no julgamento por rejeitar as Escrituras.

Ok, bem, é aí que estamos no problema sinóptico, e acho que vamos desistir nesse ponto específico. Obrigado pela sua atenção.